

NOVIDADES SISTEMÁTICAS NA ORDEM SCOLOPENDROMORPHA

POR WOLFGANG BUECHERL

(Do Laboratório de Zoologia Médica do Instituto Butantan, São Paulo, Brasil)

Genus *Scolopendra* L., 1758

Scolopendra morsitans amazonica, subsp. n. (Figs. 1, 2 e 3)

Medidas — 65 a 76 mm de comprimento (sem antenas e últimas pernas).

Placa cefálica	5,0 mm compr.	4,3 mm largura
1.º tergito		6,0 mm largura
2.º tergito		4,5 mm largura
3.º tergito		4,0 mm largura
4.º tergito		4,3 mm largura
5.º tergito		4,4 mm largura
10.º tergito		5,0 mm largura
15.º tergite		5,4 mm largura
19.º tergito		5,3 mm largura
20.º tergito		6,0 mm largura
21.º tergito	3,8 mm compr.	4,8 mm largura
21.º esternito	2,5 mm compr.	2,5 mm largura
na borda anterior		1,3 mm largura
(diâmetro da borda posterior curva)		
<i>Campo poroso</i>	4,0 mm compr.	1,4 mm largura
na parte posterior, mais larga		0,5 mm largura
na parte anterior		0,2 mm largura
Borda posterior das coxopleuras		3,0 mm largura
21.º par de pernas —		
prefêmur	5,0 mm compr.	1,4 mm largura
fêmur	4,0 mm compr.	1,2 mm largura
tibia	3,0 mm compr.	1,0 mm largura
tarso I	1,8 mm compr.	0,8 mm largura
tarso II	1,0 mm compr.	

Entregue para publicação em 28 de março de 1946.

As medidas acima formam a média entre 5 exemplares medidos.

A *Scolopendra morsitans*, infelizmente, nunca foi descrita por nenhum dos numerosos autores que dela trataram, com as medidas minuciosas. Attems apenas relata: "Comprimento até 120 mm — portanto, quase o dobro de *amazonica*: relação entre 10:1 até 15:1". Em *amazonica*, entretanto, esta relação não pode ser expressa, simplesmente pelo fato de seu tronco não ser paralelo como em *morsitans*, mas por aumentar em largura, tanto nos machos como nas fêmeas, a começar do segundo tergito, atingindo êste aumento o máximo no 20.º tergito.

Colorido — Enquanto que em *Scolopendra morsitans* observamos um colorido muito variável amarelo-marrom ou côr de castanha escura ou verde escuro ou cabeça e 1.º tergito vermelho-marrom, 2.º ao 20.º tergito com zona mediana amarela, com faixa verde nas margens anterior e posterior ou cabeça e 1.º tergito marron claro, os outros tergitos côr de oliva verde ou tergitos amarelo escuros com uma faixa larga verde entre os dois sulcos medianos — êste colorido se apresenta em *morsitans amazonica* com grande uniformidade em todos os exemplares vistos: patas, antenas e esternitos amarelos; placa cefálica, primeiro segmento de patas ambulatórias e 21.º segmento, inclusive pernas de côr marrom avermelhado; tergitos amarelo marrom, com faixa verde escura na borda posterior dos tergitos 2-20.

O colorido, portanto, é bem constante em *amazonica*.

Placa cefálica sem sulcos, com pontuações muito esparsas.

Antenas com 20 artículos, dos quai os primeiros 6 não apresentam pêlos e o sétimo já é piloso mesmo nas partes basais. Em *Scolopendra morsitans* o número de articulações antenais é muito variável — de 17 a 23 artículos, com 6 a 9 artículos basais sem pêlos.

Tergitos com sulcos paramedianos desde o 3.º até ao 20.º. 2.º tergito já com 2 sulcos curtos na borda anterior, muito leves e quase imperceptíveis. Além dos sulcos paramedianos os mesmos tergitos apresentam um curto sulco mediano na margem posterior, ausente em *morsitans*. Carenas laterais bastante variáveis de exemplar em exemplar, principiando num no 8.º tergito, noutra no 10.º, no terceiro no 11.º, no quarto no 12.º e no quinto no 14.º tergito, mas sempre inacabadas e pouco salientes, atingindo a borda posterior da placa somente nos 2 últimos tergitos. Nos primeiros tergitos carenados as carenas laterais também não atingem a borda anterior das placas. Último tergito sempre com sulco mediano completo, às vêzes ausente em *morsitans morsitans*.

Coxosternum forcipular (Fig. 1) sempre sem sulcos horizontal ou longitudinal; com sulcos basais meio curvos, mas não se afastando muito de uma

reta. Placas dentarias um pouco mais largas que longas, sempre com 5 dentes em cada placa, sendo os dois externos isolados e os três internos reunidos num bloco.

Esternitos 2 a 20 com dois sulcos longitudinais, que atingem a borda posterior, mesmo nos últimos esternitos; em *morsitans morsitans* os sulcos são abreviados nos últimos segmentos. 21.º esternito sem sulco, com borda posterior arqueada e com uma depressão sub-redonda na placa.

Patas 1 a 19 com 1 esporão tarsal; 1.º par sempre com 1 só, enquanto que em *morsitans morsitans* às vezes existem 2 esporões; 20.º par sempre sem esporão, em *morsitans morsitans* com ou sem esporão.

Coxopleuras do 21.º segmento (Fig. 2) com campo poroso muito menor do que em *morsitans morsitans*, isto é, não atingindo nem a metade da zona entre o tergito e o esternito e também não alcançando a borda posterior (vide Fig. 2). No meio das coxopleuras, na borda posterior, existe em *morsitans amazonica* subsp. n. uma fossa mediana posterior, abaixo da qual se encontra 1 espinho (Seitendorn). Apêndice coxopleural muito curto e obtuso, quase não saliente (apenas a metade do comprimento do mesmo apêndice de *morsitans morsitans*) e terminando em 4 espinhos pequenos (sempre 4 em todos os exemplares) em *morsitans morsitans* 3 — 5 espinhos.

Morfologia das últimas patas dos machos e das fêmeas veja um trabalho do A. em Memórias do Instituto Butantan, 16: 37-68, 1942. 21.º prefêmur (Figs. 2 e 3) com filas longitudinais ventrais (Fig. 2), de 3 espinhos, sempre de posição certa; no lado dorsal interno sempre com 5 espinhos, igualmente de posição certa em todos os exemplares (em *morsitans morsitans* 4-6 espinhos).

Anomalia — Num macho de *S. morsitans amazonica*, subsp. n. (No. 243 da coleção quilopódica do Instituto) existe uma pata de formação anômaia, com 14 espinhos dorso-internos e do canto, aglomerados a esmo.

Espinho do canto ("Eckdorn") longo, cilíndrico, sempre com 4 espinhos; em *morsitans morsitans* com 3-8 espinhos.

Embora a espécie, *Scolopendra morsitans*, descrita já por Linneu e depois dele por inúmeros especialistas, tenha sua existência assinalada em todos os países tropicais e subtropicais, as fôrmas que serviram para o diagnóstico morfológico desta espécie quase sempre provinham da África do Norte, de Tunis, da Algéria, de Marrocos e da região de Constantinopla. Mesmo êstes exemplares, embora provindos de uma região mais ou menos contínua, apresentam variações morfológicas muito extensas: daí a grande variação na descrição dos caracteres morfológicos de *morsitans morsitans*.

Em oposição a isto temos a *morsitans amazonica*, subsp. n., cujos caracteres, de uma maneira geral, são extremamente constantes, sem a flutuação de *morsitans morsitans*.

Como caracteres novos *amazonica*, subsp. n., apresenta, antes de tudo, a conformação morfológica das coxopleuras, do campo poroso, do espinho lateral, além da constância nos outros caracteres, principalmente no colorido.

A variedade *S. m. var. scopoliana* C. L. Koch, de Algeria, Tunis e Marrocos, não representa uma variedade nitidamente separada de *morsitans morsitans*.

Tipo: No. 241 da coleção quilopódica do Instituto Butantan. Macho.

Paratipos: 2 fêmeas e 2 machos, sob Nos. 242-244 da mesma coleção.

Local-tipo: Arredores de Manaus - Amazonas.

O grupo *Scolopendra viridicornis* Newp., 1844

Já em trabalhos anteriores tivemos oportunidade de salientar que a escolopendra *viridicornis* é o escolopendrídeo mais freqüente no Brasil e, ao mesmo tempo, ao lado de *Scolopendra subspinipes subspinipes*, o de maior porte, pois chega a atingir o tamanho de 200 mm. Vimos mesmo já dois exemplares de 22 e 24 cm de comprimento, em coleções nacionais, tendo sido êstes exemplares classificados como sendo *Scolopendra gigantea* L.

De fato a *Scolopendra gigantea* só se distingue de *viridicornis* pelo maior comprimento (até 265 mm.), pelo maior número de artículos basais das antenas desprovidos de pelos (9-12) e pelo maior número de espinhos no apêndice coxopleural (4-9) e no "espinho do canto" (Eckdorn) do último prefêmur (6-8). Tôdas as outras características morfológicas (número de artículos antenais; número de dentes; sulcos episcutais e nos esternitos; aspecto morfológico do último tergito; carenas laterais; espinhos dorsais nos prefêmures das pernas) são extremamente variáveis, de maneira tal que, confrontando-se grande número de animais, nota-se que as duas espécies se confundem. Isto vale mesmo no tocante à formação morfológica do espinho do canto e do apêndice coxopleural. Restaria, pois, apenas um único característico — pois não se pode tomar em conta a diferença de comprimento — o do maior número de artículos antenais basais sem pelos (9-12 em *gigantea*, 4 apenas em *viridicornis*).

Sobre êste último característico não podemos emitir uma apreciação exata, pela simples razão de nunca termos visto uma *Scolopendra gigantea*, ainda que tenhamos examinado material quilopódico de todo o Brasil e de alguns

países vizinhos. Dois exemplares, encontrados em coleções com os nomes de *gigantea* (classificação atribuída a Broelemann) revelaram possuir todos os característicos de *viridicornis*.

Aliás, temos na coleção do Instituto Butantan exemplares de *viridicornis*, com 6-10 artículos basais antenais sem pêlos. Um exame, porém, mais acurado demonstra tratar-se de exemplares com perda artificial de pêlo, seja pela idade, seja pelo habitat (debaixo de pedras, em tócas estreitas), seja pelos hábitos biológicos (as antenas são órgãos táteis em contínuo movimento, apalpando sempre o caminho), etc..

Após as refeições a escolopendra submete as antenas a uma limpeza cuidadosa escovando artículo por artículo com a escova de pêlos, existente nos maxilares — afazeres êstes que duram bastante tempo e podem muito bem ser apreciados em animais cativos.

Restaria, pois, verificar os mesmos fatores em *gigantea*, mas infelizmente não sabemos do paradeiro do tipo nem de paratipos. Em todo o caso existe a suspeita fundada de uma possível identidade destas duas espécies ou pelo menos entre a *viridicornis viridicornis* Newp. e a *gigantea* L. Neste caso prevaleceria o nome de *gigantea*, por ser mais antigo.

Aliás, após o confronto morfológico de centenas de exemplares de *viridicornis* e o estabelecimento objetivo de todos os caracteres de fato aproveitáveis e constantes, chegamos à conclusão que a espécie *viridicornis* deve ser subdividida em três subespécies:

- viridicornis viridicornis* Newport,
- viridicornis nigra* Bücherl,
- viridicornis spinipriva*, subsp. n.

Embora em trabalhos anteriores já tivéssemos tratado, por alto, dêste assunto, descrevendo a *nigra*, queremos, contudo, redescrever as duas subespécies e descrever a última, aqui apresentada como nova.

Scolopendra viridicornis Newp., 1844

Medidas: comprimento até 224 mm (com antenas e últimas patas) e até 176 mm (sem antenas e últimas patas).

Há exemplares bem maiores ainda, mas são muito raros.

Antenas 26 - 32 mm compr. 21º par de pernas 21 - 25,3 mm compr.

Comprimento dos artículos das últimas patas: prefemur 8 mm; femur 6,4 mm; tibia 4,6 mm; 1º tarso 3,2 mm; 2º tarso 1,6 mm; garra 1,9 mm.

Largura:	lado basal	lado terminal
prefemur	3 mm	3 mm
femur	2,4 mm	2,4 mm
tibia	2 mm	2 mm
tarso 1	1,6 mm	1,2 mm
tarso 2	1 mm	0,8 mm

Espinho do canto 1,2 mm compr.; 0,8 mm largura na base; 0,6 mm largura na ponta.

Apêndice coxopleural (medidas a começar onde termina a área porosa): comprimento ventral 1,2 mm; lateral 0,8 mm; largura na base 0,6 mm, na ponta terminal 0,45 mm.

21º esternito: comprimento nas bordas laterais 3,0 mm
 comprimento no meio 3,8 mm
 largura anterior 3,2 mm
 largura posterior (diâmetro) 1,9 mm

Colorido: verde claro ou escuro nas antenas, principalmente nos 4 artículos basais. Nos demais artículos existem pêlos amarelo claros sôbre fundo esverdeado; uma faixa transversal, paralela à borda posterior dos tergitos 3-20 (pode ser tão palida que parece cinza); as tibiás e os primeiros tarsos, principalmente das pernas 20, 19 e 18, onde o verde é muito vivo, empalidecendo progressivamente nas pernas anteriores. (O verde desaparece muito depressa, quando os animais são conservados em álcool a 70%, cedendo lugar ao amarelo pálido).

Côr castanha — placa cefálica, coxosternum forcipular, 1º tergito, último tergito com as coxopleuras e o campo poroso; prefemur e femur das últimas pernas.

Cinza escura — tibia, 1º tarso e porção apical do 2º tarso das últimas pernas.

Amarela (clara ou acinzentada) — esternitos, pernas e tergitos (êstes com uma leve tonalidade marrom em exemplares idosos, enquanto que nos filhotes e adolescentes os tergitos são amarelo claros).

Existe uma variação no colorido de *viridicornis viridicornis*, ainda que não frequente: placa cefálica, 1º tergito e todos os outros tergitos até ao 20º marrom escuro, com bordas posteriores quase pretas. Coxosternum forcipular, 21º tergito, coxopleuras e campo poroso, 21º prefemur e femur vermelho tijolo; vigésima primeira tibia e tarsos amarelos com manchas escuras, verdolengas.

Cabeça com 2 sulcos longitudinais, divergentes, formando pequenos círculos atrás e dissolvidos na borda posterior num grande número de sulcos horizontais. Antenas com 17 artículos, sendo 3 artículos basais inteiramente desprovidos de pêlos e o 4º desprovido de pêlos no lado basal, piloso apenas na margem interna terminal. Dentes 4 + 4 (raríssimas vezes num lado 5), sendo isolado apenas o externo, enquanto que os tres internos são sempre reunidos, mais ou menos, num bloco só. Abaixo do 2º dente existe uma cerda, nascida em um túberculo, que está no meio de uma cavidade arredondada. Coxosternum forcipular com sulco mediano e sulco horizontal e dois sulcos laterais. Os 2 últimos formam a continuação dos sulcos basais das placas dentárias. O sulco mediano longitudinal pode ou não atingir o sulco horizontal. Êste é inteiro ou interrompido no meio, desfazendo-se em sulcozinhos. Os sulcos laterais raras vezes atingem o sulco horizontal (Vide Fig. 4).

1º tergito com fossa curva, às vezes quase totalmente coberta pela placa cefálica, porém, em geral, toda à vista e ainda com uma área anterior livre. Com 2 sulcos longitudinais (Vide Fig. 5) paralelos, que se bifurcam na frente, perdendo-se o ramo externo nos cantos anteriores do tergito e prolongando-se os ramos internos até a fossa curva, que é, muitas vezes, ultrapassada pelos sulcos. Os 2 ramos internos, antes de atingirem a fossa, são unidos por um leve ramo horizontal (Fig. 5), só ausente raras vezes. Atrás os 2 sulcos horizontais não se bifurcam em, mais ou menos, 70%; há bifurcação de 1 ramo só em 20%; há bifurcação dos 2 em 10% dos exemplares (base para êste calculo -- 95 exemplares).

A configuração dos sulcos do 1º tergito é igual nos machos e nas fêmeas e também nas formas jovens (foram confrontados perto de 30 jovens). 2º tergito sem sulcos longitudinais; 3º com sulcos longitudinais, sempre bifurcados na frente; 4º até ao 20º tergito com 2 sulcos longitudinais simples, ou no 4º, às vezes, ainda ligeiramente bifurcados na frente. Último tergito (Fig. 6) com quilha mediana muito elevada em 95% (125 exemplares confrontados). Quilha mais estreita na frente; no meio quase o dobro da largura anterior. Quase sempre com um sulco longitudinal mediano, no meio da quilha (em 80%). Áreas laterais da quilha sempre elevadas, com ou sem rugosidades ou tubérculos. Apenas em 7% dos exemplares confrontados as áreas laterais são lisas e quase não elevadas. Carenas laterais desde o 3º ou 6º tergito.

Esternitos com 2 sulcos longitudinais paralelos, percorrendo todo o comprimento das placas. Último esternito com bordas laterais convergentes e borda posterior arqueada; com depressão longitudinal no meio da placa. Borda posterior com ligeira diferença morfológica nos machos e nas fêmeas (caráter constante), isto é, nas fêmeas a curva é normal e mais acentuada, enquanto que

nos machos ela é mais aberta e além disso ligeiramente bilobada. Isto encontra sua explicação no fato de os órgãos sexuais dos machos, quando protraidos, se apoiarem sobre a borda posterior do último esternito.

1º par de pernas com 1 esporão na borda distal ventral do prefemur, do femur e da tibia e com 2 esporões no 1º tarso. Isto em todos os exemplares. Sem nenhum espinho no lado dorsal distal do prefemur; 2º até ao 20º par de pernas com 1 esporão no 1º tarso; no lado dorsal do prefemur das mesmas pernas, na borda terminal, com 0 - muitos espinhos, geralmente com 2 espinhos nas pernas 2-5; com 0-1 espinho nas pernas 6-9; com 2 espinhos novamente nas pernas 10 - 20. No 20º par há ainda, geralmente, um espinho na parte dorso medial.

Aliás o número de espinhos no lado dorsal apical do prefemur das pernas varia de indivíduo em indivíduo, de maneira que não é licito, como fizeram Attems e Verhoeff e ainda Broelemann e Chamberlin, aproveitá-los como característicos específicos. Num futuro trabalho, de natureza estatística, vamos nos referir a este ponto.

Coxopleuras do 21º segmento com poros um tanto separados, muito numerosos. Apófises coxopleurais cilíndricas (Fig. 7), relativamente longas; na ponta com 1-4 espinhos, alguns maiores e curvos; às vezes num lado 2, no outro 3 ou 4 espinhos; raras vezes apenas 1 em cada lado, geralmente 3 de cada lado. 21º par de pernas com prefemur munido de espinhos robustos, às vezes nascidos em protuberâncias quitinosas. Espinhos maiores sempre curvos para traz. Número de espinhos geralmente 11 de cada lado, podendo ocorrer uma diferença por 1 ou 2 em cada pata (aliás as anomalias aqui são bem freqüentes). Na maioria dos exemplares observa-se uma certa regularidade na disposição destes espinhos, a saber: no lado ventral 3 filas de 2 espinhos cada (quase equidistantes), sendo os espinhos da fila do meio um pouco mais avançados para a frente; no lado interno 1 espinho só (havendo 13 espinhos no total, existem 3 no lado interno); no lado dorso interno 2 filas de 2 espinhos cada.

Espinho do canto ("Eckdorn"), longo, cilíndrico, com 2-5 espinhos na ponta, geralmente 3-4, sendo os últimos os maiores e curvos.

Nota: Para a presente redescrição foram confrontados perto de 150 exemplares desta mesma subespécie, provenientes principalmente dos Estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Rio de Janeiro, e, alguns, do Amazonas e Pará.

Scolopendra viridicornis nigra Buecherl

Medidas: 103,5 mm de comprimento (sem antenas e pernas) ou ainda menores; esta subespécie é, portanto, muito menor do que a precedente. As outras medidas não são características, de maneira que prescindimos de nos referir

rir a elas. Apenas os tergitos são muito mais largos do que longos, apresentando as seguintes dimensões:

	comprimento	largura
1.º tergito	4,5 mm	6,5 mm
2.º "	1,5 mm	5,7 mm
3.º "	4,5 mm	6,3 mm
4.º "	3,5 mm	6,4 mm
5.º "	5,5 mm	6,6 mm
6.º "	3,5 mm	6,6 mm
7.º "	5,0 mm	6,7 mm
8.º "	5,0 mm	6,8 mm
9.º "	3,5 mm	7,3 mm
10.º "	5,0 mm	7,8 mm
11.º "	4,0 mm	7,9 mm
12.º "	6,0 mm	8,1 mm
13.º "	6,0 mm	8,1 mm
14.º "	7,0 mm	8,2 mm
15.º "	5,0 mm	8,2 mm
16.º "	6,0 mm	8,1 mm
17.º "	5,0 mm	8,0 mm
18.º "	6,0 mm	7,9 mm
19.º "	5,0 mm	7,8 mm
20.º "	6,0 mm	7,9 mm
21.º "	5,5 mm	

(Base para a medição: seis exemplares adultos).

Colorido: Cabeça, 1º segmento do tronco e 21º segmento cor de tijolo; antenas e patas amarelas (1º tarso e uma parte do 2º tarso e, às vezes, também, uma parte da tíbia, não raras vezes esverdeados); esternitos amarelo claros; tergitos 2 a 20 com a primeira metade ou quase dois terços anteriores da placa *escuras*, quase pretos (Vide nomen) e com a borda posterior amarela, *nunca verde* ou *escura* como em *viridicornis viridicornis*. O colorido dos tergitos é sempre constante e forma assim um dos melhores caracteres subespecíficos de *nigra*, em oposição a *viridicornis viridicornis*, para a qual também é constante a ausência do colorido preto na metade anterior dos tergitos.

Número de artículos antenais; número de artículos antenais basais sem pêlos; número e posição dos dentes forcipulares; configuração dos sulcos no coxosternum forcipular; sulcos paramedianos e carenas laterais dos tergitos; sulcos longitudinais dos esternitos — iguais a *viridicornis viridicornis*, com exceção dos sulcos no 1º e no 3º tergito.

Os sulcos já da placa cefálica e ainda mais os do 1º tergito são em *v. nigra* muito mais nítidos do que em *v. viridicornis*, onde, às vezes, são quase invisíveis. Os 2 sulcos do 1º tergito são sempre bipartidos em frente e atrás (atrás

às vezes apenas 1 é bipartido), porém o ramo interno da bifurcação anterior não se une por um sulco transversal ao ramo da outra metade, mas, quase sempre, se estende além da fossa transversal curva (Fig. 8).

Sulgos longitudinais do 3º tergito simples, não bipartidos em frente, como em *v. viridicornis* (Fig. 8).

Último segmento: a) *esternito* com bordas laterais e impressão mediana como em *v. viridicornis*, porém, com borda posterior muito mais truncada, não tão arqueada, na maioria dos casos quase reta, até mesmo nas fêmeas (Fig. 9); b) *campos porosos* mais estreitos em *v. nigra* do que em *v. viridicornis*, com poros muito menores e mais unidos do que na última; c) *apêndice coxopleural* ("Coxopleurenanghang") muito pouco saliente, curto, *cônico*, isto é, com base grossa e terminando em forma de cone curto, truncado na ponta (Fig. 9). Número de espinhos como em *v. viridicornis*, ainda que menores em tamanho; d) tergito com quilha mediana da mesma espessura atrás do que na frente; sempre sem fossa mediana; quase nunca com tuberculos laterais (Fig. 10); e) *últimas pernas* — espinho do canto ("Eckdorn") da mesma estrutura morfológica como o apêndice coxopleural, isto é, curto, *cônico*, com base larga, enquanto que em *v. viridicornis* estas duas apófises são, como vimos, longas, cilíndricas, com base muito menos espessa quando considerada em relação ao comprimento. (*Esta diferença subespecífica é, ao lado do colorido, constante e decisiva na diferenciação das 2 subespécies*).

Espinhas dos prefêmures 8 a 12, geralmente 10 ou 11, muitas vezes em posição ordenada, como em *v. viridicornis*. O número de espinhas na parte terminal dos prefêmures não pode ser, também nesta subespécie, aproveitado como característico contrariamente do que afirma Attems a respeito de *v. viridicornis*. A contagem de espinhas, realizada em 13 exemplares, revelou os seguintes *números médios*:

	0 espinhos	1 espinho	2 espinhos	3 espinhos
1.º par de pernas	26 vezes			
2.º " " "	1 vez	14 vezes	11 vezes	
3.º " " "		20 "	6 "	
4.º " " "	1 "	16 "	9 "	
5.º " " "		17 "	9 "	
6.º " " "		20 "	6 "	
7.º " " "	3 vezes	19 "	4 "	
8.º " " "		24 "	2 "	
9.º " " "	5 "	12 "	9 "	
10.º " " "	4 "	18 "	4 "	
11.º " " "	1 vez	19 "	6 "	
12.º " " "	2 vezes	17 "	7 "	
13.º " " "	1 vez	17 "	8 "	

	0 espinhos	1 espinho	2 espinhos	3 espinhos
14.º " " "	1 "	13 "	12 "	
15.º " " "	2 vêzes	9 "	15 "	
16.º " " "	1 vez	14 "	11 "	
17.º " " "		20 "	6 "	
18.º " " "		8 "	18 "	
19.º " " "		3 "	21 "	1 vez (*)
20.º " " "			22 "	4 vêzes (**)

A mesma variante no número dêstes mesmos espinhos também se encontra em *v. viridicornis* o que vem provar de sobra o nenhum valor subespecífico e mesmo específico dêste característico.

Contudo, a tabela acima nos permite as seguintes deduções: a) No 1.º par de pernas nunca existem espinhos prefemurais apicais; b) Do 2.º até ao 16.º par de pernas pode ocorrer a ausência de espinhos, ainda que apenas em raros casos ou numa perna só; c) 17.º ao 20.º par nunca desprovidos de espinhos; mas sempre, pelo menos, com 1 espinho; d) 20.º par de pernas sempre com 2 ou 3 espinhos.

Diferenciação morfológica entre *v. viridicornis* e *v. nigra*

	<i>v. viridicornis</i>	<i>v. nigra</i>
Comprimento	até 176 mm.	até 103,5 mm apenas
Colorido	nunca com faixa preta anterior nos tergitos	sempre com faixa preta anterior, nunca com faixa escura posterior
Apófise coxopleural e espinho do canto ...	sempre longos, cilíndricos	sempre curtos, cônicos com base larga e terminando em ponta.

Nota: Como a coleção quilopólica do Instituto Butantan teve que ser mudada diversas vêzes de local e recipientes, com conseqüente reclassificação e numeração nova do material, os tipos e paratipos de *v. nigra* receberam a seguinte numeração definitiva:

Tipo: macho, No. 435; *local-tipo:* Terrenos, Matto Grosso.

(*) 1 vez 7 espinhos de formação anômala, como se pode ver no exemplar No. 436. O exemplar No. 421 demonstra que os 3 espinhos são anômalos.

(**) na área interna do prefêmur do 20.º par de pernas existe um espinho 22 vêzes e não existe espinho 4 vêzes.

Paratipos: 12 exemplares, sendo 4 machos e 8 fêmeas, sob os Nos. 184, 215, 217, 226, 376, 421, 429, 432, 436, 201 e 224, procedentes, na maioria, igualmente de Terrenos e alguns de Três Pontes, Paraná.

Scolopendra viridicornis spinipriva, subsp. n.

Comprimento: adultos até 62-82 mm (sem antenas e patas).

Colorido: 1.º, 2.º e 20.º segmentos avermelhados; o resto dos tergitos com color, marrom, com bordas posteriores esverdeadas. Esternitos, antenas e pernas amarelos; o 1.º e 2.º tarsos dos 3 ou 4 últimos pares de pernas esverdeados.

Terceiro artículo dos segundos maxilares *sem a apófise ventral* na base da garra terminal, tão típica em *v. viridicornis* e *v. nigra* (Fig. 11), ou apenas com uma protuberância muito rudimentar, não em forma de apófise.

Antenas com 16 artículos moniliormes ou num lado 16 e no outro 17. Apenas 2 artículos basais inteiramente sem pêlos; o terceiro artículo ostenta pêlos no último terço distal, interno.

Coxosternum forcipular com 4 dentes de cada lado, de igual tamanho, estando os 3 internos reunidos mais ou menos num bloco dentário só. Abaixo do 2.º dente interno existe uma cerda a mais do que em *v. viridicornis*, cerda esta nascida dum tubérculo, mas não cavidade, como em *v. viridicornis*. Sulcos basais das placas dentárias formando ângulo obtuso. A continuação dos mesmos sulcos muito curta, isto é, não atingindo o sulco horizontal. Sulco longitudinal mediano presente e atingindo o sulco horizontal.

Placa cefálica com poucos poros e com 2 sulcos longitudinais muito leves divergentes na frente e atrás desfazendo-se numa rede de finos sulcos horizontais.

Primeiro tergito com fossa curva, inteiramente à vista ou parcialmente coberta pela borda posterior da placa cefálica. Com 2 sulcos longitudinais muito leves quase invisíveis, geralmente só bifurcados na frente ou então existe apenas um sulco bifurcado, tendo o outro uma formação incompleta. Em frente os sulcos não atravessam a fossa curva nem se unem por meio de um sulco transversal. 2.º até ao 20.º tergito com 2 sulcos longitudinais, muito leves; no 2.º presente apenas como 2 traços curtos, na borda posterior; 3.º tergito com os 2 sulcos simples, isto é, não bifurcados na frente ou com uma bifurcação num ramo só e apenas muito pequena, pelo menos 3 vezes menor do que em *v. viridicornis*. Do 4.º ao 20.º tergito os 2 sulcos longitudinais são simples, indo de margem à margem. 21.º tergito com quilha mediana muito leve, sem fossa, elevações ou tubérculos laterais. Carenas laterais do 5.º ou 7.º até ao 21.º tergitos.

Esternitos 2-20 com 2 sulcos longitudinais completos, melhor visíveis do que os dos tergitos. Último esternito com bordas laterais convergentes atrás; mais

longo que largo, com depressão mediana e com borda posterior reta nos machos e ligeiramente curva nas fêmeas. Campo poroso e apófise coxopleural como em *v. viridicornis*. O último, longo, cilíndrico, com 3 espinhos, sendo 2 colocados na ponta e 1 um pouco mais adiante.

Espinho do canto ("Eckdorn") do último prefêmur, longo, cilíndrico, com 3-5 espinhos robustos, recurvos. Espinhos no prefêmur de posição irregular e em número de 13 a 16, mais numerosos, portanto, do que em *v. viridicornis*. 20.º prefêmur com 2 espinhos na ponta e com 1 no meio; 10.º com 1 espinho só ou, raras vezes, com 2 numa perna e 1 na outra; 18.º sem espinho algum ou apenas com 1 em cada perna ou numa perna com 1 e na outra sem espinho; 17.º com nenhum espinho ou ainda com 1 numa só perna; do 16.º até ao 1.º par de pernas não mais existe espinho algum na ponta dos prefêmures. 1.º par de pernas com 1 esporão no prefêmur, no fêmur e na tibia e com 2 no 1.º tarso; 2.º até ao 20.º par apenas com 1 esporão tarsal, longo e robusto; 21.º par sem esporão tarsal. Tôdas as pernas com garra terminal e com 2 esporões na base da garra.

Tipo: No. 228 da coleção quilopódica do Butantan; fêmea.

Local-tipo: Arredores de Sto. André, perto da Capital de S. Paulo.

Paratipos: Alguns machos e fêmeas adultos, No. 273 da mesma coleção, capturados também nos arredores da Capital de São Paulo.

CARACTERÍSTICOS DIFERENCIAIS

Scolopendra viridicornis spinipriva, subsp. n. se distingue de *S. v. viridicornis* Newp. e *S. v. nigra* Buecherl:

- a) pelo tamanho menor dos adultos;
- b) pela ausência da apófise no artícolo terminal do 2.º maxilar;
- c) pela ausência de espinhos na parte superior terminal dos prefêmures 1-16, fator êste absolutamente seguro, pois êstes espinhos não faltam nem em adolescentes das duas outras subespécies (*Nomen-spinipriva* — privada de espinhos).

Scolopendra subspinipes Leach, 1815

A *Scolopendra subspinipes* é, segundo Attems, encontrada em todos os países tropicais e subtropicais, excetuada a região mediterrânea.

É atualmente subdividida em 5 subespécies, das quais três — a *S. s. mutilans*, a *S. s. japonica* e a *S. s. multidentis* são encontradas exclusivamente no Japão, na China e em Java. *S. s. dehaani* Brandt é privativa da China, das

Malaias, das Índias. Portanto, apenas a *S. s. subspinipes* Leach, 1814 ocorre indistintamente nos países de clima tropical e subtropical.

Também no Brasil temos exemplares, pertencentes ao grupo *subspinipes*, embora nenhum dos AA. se tenha referido explicitamente à subespécie brasileira. Como no primeiro tempo nós não tenhamos tido em mãos mais do que um ou outro exemplar, sempre temos, em nossos trabalhos, assinalado esta subespécie como sendo *S. s. subspinipes*. Agora, entretanto, dispondo já de uma série relativamente grande, o estudo sistemático comparativo destes exemplares nos parecia interessante, sendo que agora descrevemos os exemplares do Brasil como uma nova subespécie:

Scolopendra subspinipes fulgurans, subsp. n.

Comprimento: (dos adultos, sem antenas e últimas patas) 112-146 mm;

último prefêmur	—	7 mm de compr.,	1,8 mm de largura
fêmur	7 mm " "	1,5 mm " "
tibia	6 mm " "	1,2 mm " "
I tarso	4 mm " "	0,8 mm " "
II tarso	1,5 mm " "	0,6 mm " "

Colorido: Primeiro segmento, tergitos e último segmento, inclusive as últimas pernas, amarelo marrom; esternitos, pernas e antenas, amarelo claro. Todo o corpo, principalmente os tergitos e esternitos apresentam um *brilho vivo* (vide nomen), que faz com que se distinga esta subespécie nova facilmente das outras espécies grandes de escolopendras brasileiras, principalmente as do grupo *viridicornis*.

Antenas: com 18 artículos (raras vezes 19), sendo os 6 basais completamente desprovidos de pêlos, enquanto que os restantes artículos apresentam pêlos uniformes, loiros, densos, curtos.

Placa cefálica sem sulcos ou depressões, mas apenas com poros esparsos.

Coxosternum forcipular com leve depressão oblonga no meio da placa. Placas dentárias (Fig. 12) muito pequenas, rudimentares, não atingindo mais do que 0,9 mm de largo e 0,8 mm de comprimento, parecendo atrofiadas quando comparadas com o desenvolvimento das de *viridicornis*. Entre as 2 placas medeia um espaço, isto é, são bastante separadas entre si, como também do lado interno do prefêmur. Dentes das placas dentárias extremamente pequenos e os 4 internos soldados na base, sendo independentes apenas suas pontas terminais. O 5.º denticulo é independente em via de regra. Raras vezes também este dente, aliás sempre um pouco maior de que os outros, é mais extenso em largura, pa-

recendo, então, constar de 3 denticulos soldados. Sulcos basais das placas dentárias em linha horizontal, formando 2 pequenas curvas (Fig. 12). Apófise prefemural quase inteiramente ausente. Em lugar dela 4 denticulos muito pequenos, dos quais os 3 anteriores reunidos num bloco só. Êstes denticulos são ainda menores do que os das placas dentárias.

Cerda das placas dentárias pequeníssima, nascida numa pequena cavidade (Fig. 12).

Esternitos 2-20 com 2 sulcos longitudinais, que percorrem a placa inteira somente nos esternitos 6-19; nos anteriores só existem na frente e no 20º mal atingem a metade da placa. Último esternito bem mais longo que largo, com bordas laterais convergentes e borda posterior fracamente bilobada nos machos, quase reta nas fêmeas; com depressão pouco profunda no meio.

Tergitos 3-20 com 3 sulcos longitudinais, muito leves, quase invisíveis no 20º. Atrás sempre mais reforçados. Carenas laterais do 5º até ao 21º (às vezes somente do 6º ou 7º). Último tergito sem sulcos nem depressões.

Apófise das coxopleuras com 2 espinhos pequenos em cada (raras vezes 3). Último prefêmur com 5 espinhos, de posição simétrica, isto é, 1 *súpero-interno mediano*, no mesmo nível do "Eckdorn" e, mais ou menos, equidistante do começo e do fim do prefêmur; 2 *internos*, dos quais o anterior é menor e de posição já mais ventral, e o posterior, maior, do mesmo tamanho do *súpero-interno*; 2 *ventrais*, dispostos numa linha reta, sendo o posterior do tamanho do interno posterior (quando há menos espinhos, trata-se de anomalia). Apófise do canto de prefêmur ("Eckdorn") com 2-3 espículas terminais. 1º par de pernas sem esporões no prefêmur, fêmur e na tibia e apenas com 1 esporão no primeiro tarso. Tôdas as pernas com subungulas nas garras.

Scolopendra subspinipes fulgurans, subsp. n. se distingue de *Scol. s. subspinipes* Leach: 1º pelo colorido — completamente uniforme em subsp. *subspinipes* ou, quando variado, a cabeça e o 1º tergito são muito mais claros do que o resto do corpo, côr de oliva. Em *s. fulgurans* existe o amarelo claro nas pernas, esternitos e antenas; amarelo marrom nos tergitos e marrom tijôlo no primeiro e último segmento; 2º pela morfologia do coxosternum forcipular que, na subespécie nova, apresenta uma cavidade no meio da área, placas dentárias muito pequenas; ausência de apófise prefemural; denticulos prefemurais e das placas dentárias muito pequenas, mas sempre em número constante, enquanto que em *subspinipes subspinipes* não existe a cavidade; as placas dentárias têm proporções normais; a apófise prefemural está desenvolvida e o número de dentes varia muito (de 4 a 9); 3º os sulcos

paramedianos dos tergitos começam sempre no 3.^o e vão até ao 20.^o tergito na subespécie nova, enquanto que em *subspinipes subspinipes* começam óra no 3.^o, óra no 6.^o ou 8.^o tergito. As carenas laterais sempre começam no 5.^o tergito em *S. s. fulgurans*, subsp. n., enquanto que em *S. s. subspinipes* há uma variação muito ampla, com início de carenas às vészes somente depois do 10.^o tergito, embora a regra seja desde o 5.^o ou 7.^o; 4.^o vigésimo esternito com 2 sulcos longitudinais na subespécie nova, ausentes em *S. s. subspinipes*; 5.^o em *S. s. subspinipes* o número de espinhos no último prefêmur varia de 3 a 8 os espinhos na apófise do canto de 1 a 5, enquanto que em *S. s. fulgurans*, subsp. n. existem sempre apenas 5 espinhos no prefêmur e 3 no canto.

Tipo: Macho adulto, de 132 mm, da Coleção do Instituto Butantan, No 183.

Local tipo: Rubião Junior, Sorocabana, Estado de São Paulo.

Paratipos: 2 machos e 3 fêmeas, de Sta. Catarina, Paraná e São Paulo.

Scolopendra pomacea minuscula, subsp. n.

Medidas: Antenas 7 mm de comprimento; Placa cefálica 2,30 mm de comprimento e 2,50 mm de largura.

Últimas pernas: prefêmur 2,30 mm de compr.; fêmur 1,50 mm de compr.; tibia 1,20 mm de compr.; I tarso 1,00 mm de compr.; II tarso 0,6 mm de compr.; garra terminal 0,50 mm de compr., muito curva.

Comprimento do tronco (sem antenas e últimas patas): 33,50 mm.

Último esternito: 1,00 mm de largura na frente; 0,50 mm de largura atrás (como diâmetro na curva) e 1,10 mm de compr. total. Último tergito: 1,60 mm de largura na frente e 1,70 de largura atrás e 1,30 mm de comprimento.

Colorido: Antenas, pernas e esternitos amarelo doirados; placa cefálica e primeiros dois tergitos amarelo escuros, nitidamente destacados dos outros tergitos, cujos bordos anterior e posterior apresentam uma faixa verde escura.

Antenas sempre com 18 artículos, sendo os primeiros 10 mais largos do que longos e invertendo-se esta relação de medida nos artículos terminais. Os artículos basais inteiramente sem pêlos, no 4.^o artículo e ainda mais no 5.^o a área pilosa, no lado ventral interno, já presente. Lado dorsal externo ainda sem pêlos no 4.^o e parcialmente no quinto (Fig. 13).

Placas dentárias (Fig. 13) mais ou menos tão largas quanto longas, mais largas na base do que na sua parte terminal, com 4 dentes pequenos, de igual tamanho e completamente isolados em cada placa e com 1 pequena cerda logo atrás do 2.^o dente interno. Sulcos basais formando um ângulo de 160 graus, mas não continuados além das placas dentárias (Fig. 13). Na área mediana existe um sulco longitudinal anterior, bem nítido. Sem cavidade na área mediana, atrás do sulco longitudinal.

Escovas de cerdas do 2.^o maxilar ("Putzbuesrste") muito robusta e atingindo a parte terminal da garra. Esta com 2 pequenas garras na base. Porção terminal do 3.^o artículo com cerdas longas, irregularmente distribuídas; parte apical apenas com cerdas curtas. Lado ventral, na base da garra terminal sem a apófise quitinosa, tão típica em *S. viridicornis*. 2.^o artículo do mesmo maxilar, na parte terminal, com uma cerda robusta (Fig. 13).

Esternitos 2-20 com 2 sulcos longitudinais paralelos, muito leves em frente e atrás, de maneira que parecem existir apenas na parte mediana de cada placa. Último esternito com borda posterior arqueada e com depressão longitudinal mediana, quase imperceptível.

Placa cefálica cobrindo o 1.^o tergito. Sem sulcos ou depressões; apenas com poros muito esparsos. 1.^o tergito com fossa semi-circular bem nítida; sem sulcos. 2.^o e 3.^o tergitos sem sulcos longitudinais. 4.^o e às vezes já o 3.^o tergitos com 2 sulcos posteriores muito curtos. Do 5.^o ao 20.^o tergito sulcos paramedianos completos. Último tergito com bordas posteriores quase paralelas (vide medidas) e com borda posterior arqueada, fracamente bilobada. No meio deste tergito existe uma elevação lisa, semelhante à de *S. viridicornis nigra* Buecherl, mas sem a quilha.

Coxopleuras (Fig. 14) com campo poroso mal atingindo a metade das coxopleuras. Poros nítidos, mas muito menos numerosos do que em *S. viridicornis*, por exemplo. Apófise coxopleural pouco saliente, cônica, isto é, com base muito mais larga do que a parte terminal, com 3 pequenos espinhos na parte terminal. Sem espinho na margem lateral. Últimas pernas no prefêmur com 6-7 espinhos pequenos, dispostos em 3 filas longitudinais; no lado interno com 2-3 e no lado súpero-interno com 5 espinhos. "Eckdorn" com 4-5 espinhos. Lado superior, terminal dos prefêmures das pernas 20 com 2 espinhos muito pequenos. Prefêmures 1 a 19 sem espinhos no lado terminal dorsal. 1.^o par de pernas com um esporão no lado ventral, apical do prefêmur, do fêmur e da tibia e com 2 esporões no 1.^o tarso. Pernas 2-20 com 1 esporão tarsal.

Scolopendra pomacea minuscula, subsp. n. se distingue de *S. pomacea pomacea* Koch, 1845: 1.^o pelo habitat — *pomacea pomacea* é do México; *pomacea minuscula* é de Goyaz; 2.^o pelo tamanho — a subespécie de Koch mede 60 mm, enquanto que os adultos da presente subespécie nova não excedem 34 mm, podendo constatar-se pelo desenvolvimento completo dos órgãos genitais internos que se trata realmente de adultos; 3.^o pelo colorido: *pomacea pomacea* é verde oliva, com pernas amarelas, geralmente com tarsos esverdeados; *pomacea minuscula*, subsp. n. apresenta faixas verde escuras nas bordas dos tergitos, sendo as pernas de um amarelo doirado; 4.^o Coxosternum forcipular sem sulco longitudinal mediano em *pomacea*, com sulco mediano na subespécie nova; 5.^o sulcos paramedianos

nos tergitos 2 - 20 em *pomacea pomacea*; completos somente nos tergitos 5 - 20 na subespécie nova (raras vezes 2 sulcos posteriores curtos nas placas 4 e 3). Carenas laterais em *pomacea pomacea* presentes somente desde o 16º ou 17º tergito, presentes já no 12º na subespécie nova; 6º Coxopleuras na margem posterior com 1 - 2 espinhos em *pomacea pomacea*; sem estes espinhos em *pomacea minuscula*.

Tipo: fêmea No. 461 da coleção quilopódica do Instituto Butantan

Local-tipo: Veadeiros, Estado de Goyaz

Paratipos: Três exemplares, também de Goyaz.

Genus Otostigmus Porat, 1876

Otostigmus dentifusus, sp. n.

Medidas: Comprimento (Sem antenas e últimas patas) 42mm;

Comprimento da placa cefálica	2,7 mm; 3,6 mm	larg.
" do primeiro tergito	2,0 mm; 4,0 mm	"
" do segundo "	0,7 mm; 3,8 mm	"
" do terceiro "	1,9 mm; 3,7 mm	"
" do quarto "	1,1 mm; 3,5 mm	"
" do 21º tergito (no meio)		2,0 mm, no lado carenado	

1,5 mm; largura 2,1 mm.

Comprimento da placa dentária 0,4 mm; 0,4 mm larg.

Última perna: prefêmur 2,2 mm; fêmur 1,9; tibia 1,8 mm; I tarso 1,7 mm; II tarso 1,2 mm.

Colorido: Fêmures, tibias e primeiros tarsos verdes. Nos últimos três pares de pernas o verde cede suavemente lugar ao roxo. Prefêmures, última porção dos segundos tarsos, parte apical dos fêmures anteriores, esternitos e antenas amarelo escuros. Pêlos das antenas amarelo doirados. Tergitos cor de castanha. Primeiro tergito e coxosternum vermelho tijolo.

Antenas: com 17 artículos, dos quais os 2 primeiros não apresentam pêlo algum, enquanto que o terceiro já apresenta pêlos no terço distal. *Placas dentárias* do coxosternum (Fig. 15) com 4 dentes em cada placa, completamente soldados num bloco só (vide nomen). Atrás uma pequena cerda, nascida em depressão redonda. Sulcos basais das placas dentárias formando um ângulo obtuso, com um curto prolongamento sulcal em ambos os lados. No meio um curto sulco mediano longitudinal (Fig. 15). Placas dentárias tão largas quanto longas (conf. medidas).

Placa cefálica lisa, com poucos poros, sem sulcos ou depressão; um pouco mais longa do que larga. Sulcos paramedianos dos tergitos presentes desde o 6º até ao 20º. Nos últimos três tergitos os sulcos são muito leves e mal visíveis. Carenas laterais somente no 21º tergito; do 3º ou 5º ao 19º tergito existem ligeiros bordos laterais, mas que não abrangem todo o percurso dos lados, como as pseudocarenas. Tergitos glabros, sem quilhas ou tubérculos ou rugosidades.

Esternitos (Fig. 16) glabros, com uma grande depressão muito pouco profunda e nesta depressão 4 cavidades pequenas, sendo 2 medianas e 2 laterais anteriores. A media anterior é a maior, enquanto que as 2 laterais nem sempre são bem nítidas em todos os esternitos. Sem sulcos longitudinais. 21º esternito (Fig. 16) com borda posterior truncada e bordas laterais convergentes. Com depressão longitudinal mediana.

Pernas: Primeira e segunda ou terceira com 2 esporões tarsais; quarta até a 18 ou 19 com 1 esporão tarsal; 19 ou 20 e 21 sem esporão. Prefêmur, fêmur e tibia do primeiro par de pernas sem esporão.

Não existem caracteres sexuais externos diferenciais entre machos e fêmeas.

Tipo: Macho adulto, da coleção quilopódica do Instituto Butantan, No. 477.

Local-tipo: Arredores de Itanhaem, Estado de São Paulo.

Paratipos: 7 exemplares, machos e fêmeas, do mesmo local.

Otostigmus limbatus Meinert, 1886

Durante o ano de 1945 o Instituto Butantan recebeu perto de 80 exemplares, entre machos e fêmeas, pertencentes a esta espécie e oriundos principalmente dos Estados de Sul do Brasil, a saber, de São Paulo, do Paraná, de Sta. Catharina e do Rio Grande do Sul. Como já temos constatado no nosso trabalho "Os Quilópodos do Brasil", em 1939, à página 271, os exemplares recebidos pertencem tanto a *Otostigmus limbatus limbatus* Mein., 1886 como a *Otostigmus limbatus diminutus* Buecherl, 1939 (*non limbatus*).

Como o maior número de animais permite uma melhor caracterização de *O. l. diminutus* e sua distinção de *O. l. limbatus*, damos aqui uma recapitulação mais minuciosa do que escrevemos em 1939.

Otostigmus limbatus diminutus

Medidas: (média entre 11 exemplares adultos) — 47 mm de comprimento sem antenas e últimas pernas; antenas: 11 mm de comprimento; comprimento da placa cefálica 3 mm; largura 2,70 mm. Comprimento do 21º tergito 1,80 mm no meio e 1,25 mm nos lados; largura do mesmo 2 mm. Comprimento do 21º esternito 1mm; largura anterior 1,15 mm; posterior (em diâmetro da curva)

0,70 mm. Última perna: comprimento do prefêmur 2mm; do fêmur 2,14 mm; tibia 1,80 mm; I tarso 1,30 mm; II tarso 1 mm.

Comprimento de *O. limbatus limbatus* Mein., 48 mm. Todas as outras medidas não são mencionadas pelo A.

Colorido: de *O. limbatus limbatus*: azul esverdeado ou acastanhado. De *O. l. diminutus* — os 5 artículos basais das antenas e geralmente também os 3 artículos terminais das mesmas; pernas e esternitos amarelo-dourados. Placa céfálica, primeiro segmento do tronco e último segmento inclusive as últimas pernas, amarelo-avermelhado. Tergitos de um amarelo-cinzento, com bordas laterais pretas e 2 estrias enegrecidas ao longo dos dois sulcos episcutais (o colorido preto é típico em *O. l. diminutus* vivos, podendo estes ser reconhecidos já à primeira vista por este desenho; com permanência em álcool, porém, o colorido preto empalidece aos poucos).

Antenas com 17 artículos em ambas as subespécies. Em *O. l. limbatus* 4 artículos basais completamente sem pêlos; em *O. l. diminutus* apenas 2 artículos basais inteiramente sem pêlos; o 3º artículo já com pêlos numa pequena área pilosa abrangendo já a metade distal interna. Do 5º artículo em diante os pêlos cobrem o artículo todo. 4 dentes em cada placa dentária em *O. l. limbatus* e em *l. diminutus*. Mas na última subespécie os dentes são completamente soldados na base embora suas pontas estejam independentes. Placas dentárias mais longas que largas, com cavidade sub-redonda e 1 cerda. Sulcos basais de *O. l. diminutus* formando um arco, aberto atrás e com sulco mediano, longitudinal, anterior (ausente em *O. l. limbatus*). *O. l. limbatus* com sulcos episcutais desde o 5º tergito; com carenas laterais somente no 21º e sem quílis medianas. *O. l. diminutus* já com 2 curtos sulcos anteriores nos tergitos 2, 3 e 4; nos tergitos 3 e 4, além disso também com 2 sulcos curtos posteriores. Do 5º ao 20º tergito com sulcos completos. 21º tergito com curta quilha mediana anterior, terminando numa depressão. Desde o 5º tergito há, ainda, entre os 2 sulcos longitudinais, uma ligeira elevação longitudinal a imitar uma quilha. Carenas laterais só no 21º tergito. Os 5 tergitos precedentes com elevações das bordas laterais em forma de pseudo-carenas.

O. l. limbatus com 2 sulcos longitudinais completos nos esternitos 2 a 20, e com 2 cavidades medianas. Em *O. l. diminutus* existem apenas sulcos longitudinais anteriores, curtos, nos esternitos 1 a 4. Do 5º ao 20º esternito os sulcos são completos, mas sempre mais nítidos na parte anterior. Desde o 5º até ao 20º esternito as 2 cavidades medianas são visíveis. Último esternito um pouco mais largo que longo, com borda posterior quase reta, apenas arredondada nos cantos.

O. l. limbatus com 1 esporão tarsal quase invisível no 1º par de pernas; as outras pernas geralmente sem esporão tarsal; raras vezes com 1 esporão tarsal muito pequeno. *O. l. diminutus* com 1 esporão no fêmur e na tíbia do 1º par de pernas e com ou 1 ou 2 pequenos esporões tarsais nos primeiros três pares de pernas. Tôdas as outras patas sem esporão tarsal, mas com 2 pequenas garras na base da garra terminal.

Tipo: Fêmea adulta, apreendida na Capital de São Paulo e depositada na coleção quilopódica do Instituto Butantan, sob o No. 498.

Paratipos: Uma série de exemplares, machos e fêmeas.

RESUMO

O presente trabalho representa as novidades sistemáticas encontradas no material quilopódico enviado ao Instituto Butantan pelos fornecedores de ofídios e outros animais venenosos, durante os anos de 1943 a 1945.

São descritas como novas as seguintes fórmãs: *Scolopendra morsitans amazonica*, subsp. n.; *Scolopendra viridicornis spinipriva*, subsp. n.; *Scolopendra subspinipes fulgarans*, subsp. n.; *Scolopendra pomacea minuscula*, subsp. n. e *Otostigmus dentifusus*, sp. n.

Foram estabelecidos novos caractéres morfológicos e invalidados antigos para a distinção entre *S. viridicornis* e *S. v. nigra* e entre *Otostigmus limbatus limbatus* Mein. e *O. l. diminutus* Buecherl. Igualmente fica demonstrado contra Attems, Chamberlin e outros que a presença de espinhos na borda terminal dos prefêmures das pernas e o número dêstes espinhos *nenhum valor sistematico tem para distinguir as subespécies* ou mesmo as espécies afins, em *Scolopendra viridicornis*.

ABSTRACT

The Chilopoda material, collected during the three last years by the Instituto Butantan, São Paulo, Brazil, is classified and the following new species and subspecies are described: *Scolopendra morsitans amazonica*, n. subsp.; *Scolopendra viridicornis spinipriva*, n. subsp.; *Scolopendra subspinipes fulgurans*, n. subsp.; *Scolopendra pomacea minuscula*, n. subsp. and *Otostigmus dentifusus*, n. sp.

News morphologic characters for the distinction of *S. viridicornis viridicornis* Newp. and *S. viridicornis nigra* Buecherl are presented, as for *Otostigmus limbatus limbatus* Mein. and *O. limbatus diminutus* Buecherl. The worthlessness of specific and subspecific distinctions based on the presence and on the number of spines in the prefemora of *Scolopendra viridicornis* is also proved.





